

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

FABIANA VELOSO LEAL

**FAMÍLIA E ESCOLA:
UMA PARCERIA FUNDAMENTAL**

Porto Alegre

2010

FABIANA VELOSO LEAL

**FAMÍLIA E ESCOLA:
UMA PARCERIA FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial
para obtenção de grau de Licenciada
em Pedagogia pela Faculdade de
Educação da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul –
FACED/UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo
Sartori Porto
Co-Orientadora: Prof. Dra. Jaqueline
Picetti

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –

Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este estudo:
ao meu filho, João Gabriel;
ao meu esposo, Paulo.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para que o sonho de concluir este curso pudesse se tornar realidade. Meus sinceros agradecimentos ...

... a Deus em primeiro lugar, pela vida e por ter me proporcionado o convívio com pessoas maravilhosas, que me ajudaram e apoiaram durante este período. Sem ele, não teria chegado até aqui;

... ao meu filho, João Gabriel, e ao meu esposo, Paulo, pela paciência e compreensão nos meus momentos de “ausência”, pelo amor, pelo carinho e pelos incentivos otimistas durante todo o curso e principalmente nesta reta final, onde surgiram vários obstáculos;

... aos meus pais, Leonira e Pedro, e ao meu irmão, Diogo, pela confiança em mim depositada e pelo apoio que recebi durante esta caminhada;

... a minha querida irmã, Aline, pelo apoio, carinho, ajuda, parceria, amizade, em todos os momentos da minha vida, inclusive enquanto colega deste curso;

... aos meus sogros, Cirlélia e Bento, que estiveram sempre presentes, me ajudando e apoiando durante estes quatro anos e meio;

... a minha tia, Divair, que sempre esteve pronta para ajudar e ouvir.

... à professora Dra. Jaqueline Picetti, por aceitar a orientação deste estudo e conduzir seu desenvolvimento com sabedoria, paciência, disposição e incentivo;

... aos demais professores do curso, que mais do que mestres, foram amigos;

... aos tutores de Pólo e de Sede, em especial as tutoras Fabiane Penteado e Denise Severo, que foram incansáveis e extremamente pacienciosas comigo;

... aos colegas de curso, pela colaboração, pelo auxílio mútuo e pelo convívio, na maior parte do tempo virtual, durante todos estes anos;

... aos demais amigos, e a todos aqueles que, de alguma maneira, participaram e compartilharam comigo este momento.

Os filhos não precisam de pais gigantes, mas de seres humanos que falem a sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhes o coração [...] Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de ideias.

(AUGUSTO CURY)

RESUMO

Este estudo surgiu durante o estágio curricular do curso de Pedagogia Modalidade a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul desenvolvido com uma turma de alfabetização (segundo ano do Ensino Fundamental). Nessa turma a família dos alunos participava muito pouco da vida escolar dos seus filhos, despertando assim a curiosidade em saber como se dava essa relação. Esse trabalho tem como objetivo analisar a contribuição da família nos processos de letramento e alfabetização dos alunos. Destaco o papel da família na formação do indivíduo e a importância da sua parceria com a escola, a fim de que a aprendizagem da criança ocorra de forma eficiente e eficaz. Os resultados obtidos durante a análise, reflexão e produção desse trabalho, demonstram que muitas famílias ainda não participam ativamente no processo escolar de suas crianças, havendo a possibilidade de acarretar consequências para o desenvolvimento das crianças, como o desinteresse pelos estudos, desvalorização e carência afetiva, entre outras.

Palavras-chave: Família. Escola. Parceria. Educação. Letramento e Alfabetização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO	14
1.1 Família e escola: uma parceria necessária	14
1.2 Letramento e alfabetização	22
1.3 A participação da família nos processos de letramento e alfabetização.....	25
2 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS	32
COSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Venho de uma família de muitas professoras e acredito que optei em fazer o curso de Magistério por influência familiar, visto que a minha mãe era professora, minha irmã estava se formando, além de três tias e cinco primas exercendo a mesma profissão. Porém, ao longo do curso e na prática diária, percebi que havia encontrado o meu lugar, principalmente por sentir prazer e sensação de dever cumprido, sempre que estou atuando, quando consigo auxiliar meus educandos na construção de suas aprendizagens.

Conclui o curso de Magistério em 1998 e, no ano seguinte, fui contratada pela Prefeitura Municipal de Portão, para trabalhar como professora de Educação Física séries iniciais do Ensino Fundamental, estava cursando segundo semestre desse curso na UNISINOS¹. Empenhei-me muito nesse período, pois não tinha formação específica para isso, porém, pesquisei, estudei e penso que fiz um ótimo trabalho nos dois anos que atuei nessa função.

Em 2002 fiz meu primeiro concurso no município e fui nomeada. Comecei a trabalhar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Alecsandro Flores, na qual estou até hoje. Faz seis anos que ocupo o cargo de diretora desse estabelecimento de ensino, trabalhando no turno da manhã. Este ano em função da redução do número de alunos (vinte e nove crianças), estou desenvolvendo o projeto "Hora Planejamento", duas vezes por semana, restando três manhãs para o trabalho de direção, totalizando assim vinte horas semanais.

Enquanto diretora de escola, busco sempre desenvolver minha gestão, de forma democrática e participativa, envolvendo a comunidade escolar com o intuito de aprimorar e oferecer um ensino de qualidade aos educandos. Assim, estou há dez anos procurando deixar marcas positivas em meus alunos e tenho a pretensão de que lembrem de mim como uma professora alegre, amiga e muito dedicada e comprometida naquilo que faz.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

No turno da tarde (vinte horas semanais), trabalho na Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias, com um 2º ano, composto por dezesseis alunos.

Durante esses anos, tive a oportunidade de lecionar em todas as séries do Ensino Fundamental, sendo que me identifiquei com a alfabetização: antes primeira série agora segundo ano. Acho fantástico acompanhar o processo de aquisição da leitura e escrita dos meus alunos; fico emocionada quando eles conseguem ler suas primeiras palavrinhas. Além de achar fascinante a forma de ser dos menores, falando aquilo que pensam, sendo autênticos em suas ideias e opiniões.

A escola em que realizei o estágio do curso de Pedagogia Modalidade a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul² se chama Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias, situada na zona rural do município de Portão. Ela atende cento e cinquenta e nove alunos, do primeiro ano à oitava série. A equipe diretiva é formada pela diretora; pela orientadora pedagógica e pelo supervisor escolar.

O regimento escolar é padrão para todas as escolas do município, sendo elaborado pela Secretaria de Educação do Município. Já o projeto político pedagógico é construído no âmbito escolar, refletindo a identidade da escola.

A avaliação nessa escola caracteriza-se como uma prática diagnóstica, contínua, cumulativa, participativa e interativa, com a finalidade de diagnosticar como ocorreu a aprendizagem.

Vejo que a escola reflete a forma como a equipe diretiva, ou melhor, a diretora a administra, sempre muito envolvida com a comunidade escolar, que tem suas raízes na descendência afro brasileira, sendo que grande parte dos alunos é vindo de uma comunidade quilombola, por isso a escola realiza a Semana da Consciência Negra.

A escola tem como filosofia a compreensão da educação como prática social, dando ênfase ao crescimento do aluno como um ser que vive em sociedade, buscando integrá-lo nos caminhos da conscientização e no exercício da cidadania e da democracia.

² PEAD/UFRGS.

Cabe aqui destacar que realizei a minha prática de estágio com a minha própria turma, um segundo ano, turma única, composto por dezesseis alunos, sendo cinco repetentes e onze alunos novos na série. Desses dezesseis alunos, onze são meninos e cinco são meninas, com idades entre sete e dez anos. Uma aluna tem acompanhamento psicológico, psiquiátrico e com a orientadora educacional e outro aluno somente acompanhamento psicológico. A aluna citada acima, apresenta dificuldades de relacionamento com colegas, professores e funcionários da escola, pois não consegue seguir as combinações feitas no ambiente escolar e importantes para o convívio.

A etnia dos alunos divide-se basicamente em dois grupos: alemães e negros. A maioria mora com os pais, sendo que uma aluna é adotiva e outro mora com a avó. Grande parte dos familiares dos alunos trabalha como operários da indústria ou cortadores de mato. A maioria dos familiares possui até o Ensino Fundamental.

Durante este período de estágio, surgiram alguns temas relevantes que despertaram a minha curiosidade, tais temas foram sendo elaborados a partir da construção das reflexões teóricas que fiz desse momento. Porém, a problemática que mais me chamou a atenção foi a pouca participação da família na vida escolar dos filhos, evidente no auxílio do tema de casa, de pesquisas e entrevistas, na organização do material dos alunos, bem como a alfabetização e o letramento em meio a tudo isso. Como já dito, tal fato foi observado no decorrer do estágio e apresentarei ao longo desse trabalho as evidências.

Sendo assim, tenho como objetivo analisar como a família pode contribuir no processo de alfabetização dos alunos. Utilizarei para fazer essa análise os meus conhecimentos prévios que trago com a minha prática docente, além de dados empíricos, relato de experiências (evidências) acontecidas em sala de aula. Para tanto, utilizarei os estudos teóricos de Emília Ferreiro, Magda Soares, Paulo Freire, entre outros.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois segundo Bogdan e Biklen (1994):

Utilizamos a expressão *investigação qualitativa* como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que

partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos reativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda sua complexidade e em contexto natural. (p. 16)

Essa investigação qualitativa, caracteriza-se como um estudo de caso, pois, conforme Bogdan e Biklen (1994):

Na investigação qualitativa não se recorre ao uso de questionários. [...] Em educação, a investigação qualitativa é frequentemente designada por *naturalista*, porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversar, visitar, observar [...] (p. 17)

No primeiro capítulo abordarei sobre a contribuição da família no processo de letramento e alfabetização, discorrendo a cerca da importante relação família e escola. No segundo capítulo faço uma análise relacionando as idéias desenvolvidas no capítulo anterior, da experiência vivida durante a minha prática de estágio curricular no curso de Pedagogia Modalidade a Distância da UFRGS, da participação da família nos processos de letramento e alfabetização de alguns alunos envolvidos. Nas considerações finais, busco responder a questão de pesquisa, confirmando o quão importante é a presença da família na vida escolar da criança, estabelecendo uma relação de parceria com a escola, tendo como foco principal o aluno e sua aprendizagem.

1 A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

1.1 FAMÍLIA E ESCOLA: UMA PARCERIA NECESSÁRIA

Como já explicitado anteriormente, iniciei minha vida docente no ano de 1999. Desde então, leciono para crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental. No transcorrer desse tempo, venho sentindo dificuldades em realizar certas atividades que exigem o envolvimento e a participação das famílias dos alunos, tanto à distância (auxílio em casa), quanto presenciais (atividades na escola), pois percebo que poucas participam e acompanham a vida escolar de seus filhos.

Observo que essa precária participação é, em parte, reflexo das estruturas familiares que temos atualmente. A cada ano transcorrido, observo que falar em família está ficando mais complicado, uma vez que estas já não são mais as mesmas que tínhamos a anos atrás. Segundo Di Giorgi (1980):

A família de hoje está profundamente em crise. Ela é o produto de um longo processo histórico que, desde a sociedade camponesa e artesanal, levou à sociedade industrial de hoje, pondo em discussão as modalidades de comportamento individuais, familiares e sociais. (p. 30)

Assim, esse assunto vem despertando minha atenção e curiosidade durante esses anos e, principalmente, durante o primeiro semestre desse ano (2010), no qual fiz meu estágio curricular da graduação. Durante esse período, o contato diário com os educandos e suas diversas modalidades familiares, me fez perceber que a relação família-escola, ou seja, a presença/ausência dos responsáveis³, nas atividades realizadas pela criança em casa, ou no ambiente escolar, poderia interferir no processo de aprendizagem das mesmas.

Para dar início a essa discussão, esclarecerei o que nesse trabalho entendemos por família. Para Kaloustian (1998):

A família é o espaço responsável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos

³ Utilizo o termo responsável, devido ao fato de nem todas as crianças morarem com seus pais.

filhos e demais membros, independente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. (p. 11)

A fim de complementar esse conceito, é importante fazer referência à Constituição Brasileira de 1988, que aborda a questão da família no âmbito legal, em seus artigos 5º, 7º, 201, 208, 226 a 230. Expõe algumas inovações, como um novo conceito de família: “(...) união estável entre o homem e a mulher; e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”. Ainda reconhece que “(...) os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

Mais atualmente, a Lei Nº 11.340, de sete de agosto de dois mil e seis, no artigo 5º, inciso II, define família “(...) como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa.”

É sabido que a família, enquanto primeiro grupo social da criança, transpõe valores éticos, humanitários, sendo aprofundados nesse interior, os laços de solidariedade, construindo assim sua identidade. Portanto, a família exerce uma função constitucional no seu desenvolvimento.

A família atua (...) enquanto organismo social pré-político e agente primeiro da socialização da criança. [...] Todas as posteriores experiências emocionais da infância formam-se tendo por base as fundações construídas firmemente na família (DI GIORGI, 1980, p. 26).

Após o convívio familiar, a criança passa a fazer parte de outro grupo de socialização, que é a escola, a qual também exerce influência na formação dos valores, na cultura e na identidade da criança. Di Giorgi (1980), diz que depois da família, a escola é o agente mais importante da socialização da criança. Encontro semelhanças entre esses dois grupos sociais, por tratarem-se de ambientes onde existe convivência diária e ambos buscando um ideal: preparar a criança para viver e conviver em sociedade, de forma autônoma e crítica.

Assim como a família, a sociedade está em constantes modificações, impulsionada por numerosos e distintos motivos. Logo, a responsabilidade da escola em relação às atitudes de socialização das crianças, é crescente, pois

diariamente ela tem a tarefa de trabalhar para que os educandos tenham uma boa atuação e desenvolvimento em meio à sociedade.

“Como consequência da crise que a família atravessa, assiste-se a uma progressiva diminuição das influências familiares no processo geral de socialização” (DI GIORGI, 1980, p. 82). Esta “diminuição” do acompanhamento da família claramente pode ser sentida pela escola, a qual sofre várias implicações, pois, segundo Di Giorgi (1980) a criança em idade escolar continua a depender dos responsáveis, quer material, quer emotivamente. Entretanto, muitos responsáveis tornam-se distantes dos filhos, a partir do momento em que essas começam a frequentar a escola, incumbindo à essa instituição deveres que não lhe pertence como a responsabilidade de instruir e educar seus filhos, esperando que os professores transmitam valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, desde boas maneiras até hábitos de higiene pessoal.

Encontram-se responsáveis que “(...) depois de matricular seus filhos nas escolas, parecem considerar sua missão terminada e entregam a elas toda a responsabilidade” (CAPELETTI; JAKS; KELLER, 2005, p. 203). Nas escolas é corriqueiro o não comparecimento dos responsáveis que mais necessários se fazem, principalmente por seus filhos apresentarem alguma dificuldade, seja indisciplina, seja aprendizagem. São responsáveis ausentes, que não aparecem para retirar as Avaliações ao final dos trimestres, bem como quando são chamados. Parecem não se conscientizarem de sua importância junto a instituição escolar, abrindo mão e transferindo para a escola os seus deveres e responsabilidades com os filhos, como os já explicitados anteriormente.

Vasconcellos (2000) reforça essa situação quando afirma que “(...) de fato, percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em reação à escola, transferindo responsabilidades suas para a escola”. (p. 22)

Casos como esses, estão em acréscimo nos últimos anos, e certamente, não é um aspecto positivo, tanto para a escola como para o futuro da própria criança. Isso, além de sobrecarregar a escola, ainda interfere no processo de aprendizagem, pois se observa que a maioria das crianças que apresentam

dificuldades, são aquelas cujos responsáveis participam muito pouco ou são totalmente ausentes na vida escolar do filho.

Não há dúvida de que a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, que impossibilita de obter recursos internos para lidar com situações adversas. Isso gera desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar. (SCOZ, 1996)

Outro fator relevante que influencia no desempenho escolar dos educandos é a indisciplina, que pode, ou não, estar relacionada à carência de acompanhamento e apoio por parte das famílias para com a escola. Creio que está ocorrendo falhas na formação de limites, onde muitos responsáveis estão se equivocando e conseqüentemente acabam por perder o controle sob seus filhos. Zagury (2006) menciona essa possível falha quando afirma:

Era inevitável e saudável que se quebrasse a rígida hierarquia existente até a década de 70, na qual a criança não tinha espaço algum de manifestação. O problema é que se caiu no extremo oposto. Os pais têm medo de impor limites, porque podem traumatizar os filhos. E isso traz conseqüências graves para a família, **a escola**⁴ e a sociedade. (p. 110).

Ainda podemos mencionar que nem sempre a forma com que os responsáveis escolhem para conduzir a educação dos filhos, são as melhores ou as mais adequadas. Muitas vezes os responsáveis acabam repetindo a forma como foram educados ou fazem exatamente ao contrário. Com certeza a intenção é geralmente a melhor, mas nem sempre a mais acertada. Cabe citar uma afirmação de Maldonado (1996) em relação a isso:

Para desempenhar tarefas precisamos de preparo e de treinamento: estudamos anos a fio para exercermos uma profissão, fazemos curso de culinária, corte e costura, etiqueta. No entanto, na maioria das vezes, a única bagagem de que dispomos para educar os filhos é nossa própria experiência com eles, boas intenções, o firme propósito de fazer o que nossos pais fizeram ou exatamente o oposto. (p. 9).

⁴ Grifo da autora.

Para que a escola consiga desenvolver um trabalho educativo eficiente, independente da estrutura familiar ou do tipo de educação que as crianças receberam, é de suma importância a participação, a presença e o apoio das famílias junto à instituição escolar.

Felizmente ainda encontramos responsáveis presentes e participativos na educação escolar de seus filhos, sendo visível no desempenho das crianças na construção de aprendizagens. Esses responsáveis atuam de forma efetiva no auxílio das tarefas a serem feitas em casa, bem como comparecem na escola sem serem chamados, a fim de acompanhar o andamento do seu filho quanto a aprendizagem, a disciplina, ao relacionamento,...

É perceptível, tanto no cotidiano escolar, quanto no convívio diário com crianças, que a presença da família é fundamental, pois desempenha papel incentivador aos educandos, complementando o trabalho realizado em aula.

As crianças sempre passaram muito mais tempo fora da escola do que dentro, sobretudo em seus primeiros anos. Antes de entrar em contato com seus professores, já experimentaram amplamente a influência educacional de seu entorno familiar e de seu meio social, que continuará sendo determinante quando não decisivo – durante a maior parte do ensino primário. (SAVATER, 1998, p. 69)

Posso afirmar, a partir das teorias expostas nesse trabalho, que a criança que recebe um bom acompanhamento por parte da família desenvolve-se melhor em todos os aspectos: cognitivo, social, emocional, etc. A atenção despendida pela família com o seu pupilo, irá servir de estímulo e apoio as suas ideias e criatividade. No entanto, o descaso dos responsáveis pode acarretar na criança um sentimento de abandono, e até mesmo ocasionar o desinteresse com relação aos estudos.

O incentivo por parte da família é muito importante, independente da forma como isso ocorra. Até pais que ainda não são alfabetizados podem incentivar seus filhos através de atitudes positivas que demonstrem respeito e valorizem o estudo. Capeletti, Jaks e Keller (2005) afirmam que:

Em geral, as crianças que aprendem com mais facilidade são aquelas que têm pelo menos um membro da família que investe nelas. [...] Percebe-se, nessas crianças, mais desejo de aprender e mais coragem, autoconfiança. Assim, por exemplo,

a colaboração dos pais nas lições de casa faz com que a criança sintam-se motivada, segura e, conseqüentemente, aprenda com mais facilidade. (p. 202)

Em sala de aula, é possível observar aquele aluno que recebe algum acompanhamento em casa, visto que logo sana suas dificuldades, pois há um trabalho em conjunto: professores-responsáveis. Capeletti, Jaks e Keller (2005) afirmam que “(...) tanto o êxito quanto o fracasso escolar começam em casa, pois é na família que o aluno encontra suas motivações, e lá que se constrói o desejo de aprender e a autoconfiança”. (p. 202)

Para que o aluno aprenda de maneira eficiente, é necessário além de uma boa escola, bons professores e bons programas, a participação da família e a forma como esta conduz o processo de aprendizagem do seu filho. Cabe aos responsáveis compreenderem que o aprender não cessa quando a criança está em casa, ao contrário, ele está sempre acontecendo, principalmente nos diferentes ambientes em que se relaciona. Uma simples aparição dos responsáveis na escola, seja para buscar uma avaliação ou mesmo para saber como seu filho vem se desenvolvendo, pode motivar a criança.

Para Zagury (2006), essas atitudes são deveres dos responsáveis, assegurando que:

É dever dos pais acompanhar de perto esse processo, cuidar para que o filho faça tarefas e não mate aula, olhar o boletim. São coisas básicas. E, se os pais não se comprometem com o aprendizado dos filhos, o desafio torna-se praticamente intransponível. (p. 111)

Ambas, escola e família, precisam se considerar parceiras na educação das crianças, trabalhando como aliadas e não como oponentes, pois “[...] se faz necessário que a escola e os pais se unam em busca dos mesmos objetivos, abrindo as portas à cooperação e à co-responsabilidade na formação da criança.” (TEZOLIN, 1995, p. 75)

Para que o trabalho entre escola e família seja conjunto, é preciso que uma complemente a outra, verificando-se a participação de ambas no processo educativo, uma vez que “(...) a escola é uma instituição de ensino e formação – tal qual a família” (ZAGURY, 2002, P. 232) e “(...) apesar de cada uma ter seu

papel diferenciado, uma pode contribuir com a outra”. (CAPELETTI; JAKS; KELLER, 2005, P. 208)

O que é dever da escola está sendo, muitas vezes, realizado, porém algumas famílias ainda não participam da vida escolar dos seus filhos como necessitariam; deixando as crianças na escola como se esta fosse um lugar de cuidados: por quatro horas, tem alguém que cuida, fornece alimentos,... O aspecto aprendizagem fica, algumas vezes, restrito a isso, pois não se envolvem nas atividades da escola, bem como demonstram indiferença com relação ao desempenho dos filhos.

Há também, aqueles responsáveis que comparecem na escola somente quando tem alguma crítica a fazer, seja com relação a uma postura tomada pela professora para com seu filho, ou com relação a forma de trabalho da professora. Alguns ainda justificam que

(...) no tempo em que estudavam era diferente, não havia tantas ‘frescuras’ e aprendia-se muito mais, a professora enchia o quadro, todos copiavam e aprendiam. (CAPELETTI; JACKS; KELLER, 2005, p. 201)

Quando os pais vêm à escola com essa postura, acabam por transmitir essa crença aos filhos e conseqüentemente refletem no processo de aprendizagem deles. Além disso, podem estar se desautorizando diante dos seus filhos, como também tirando a autoridade da escola. É notório que a escola deve aos responsáveis esclarecimentos e explicações sobre seu Projeto Político Pedagógico, bem como seu regimento e forma de trabalho do docente. Porém, isso precisa se dar na forma de diálogo, argumento, troca de ideias, parceria e ajuda mútua, para que de maneira justa e coerente, seja resolvido qualquer impasse. Logo, família e escola estarão trabalhando focadas num mesmo objetivo: oferecer educação de qualidade as crianças. Diesel e Silveira (2002) afirmam:

É imprescindível o intercâmbio entre o lar e a escola, segundo lar de nossos filhos. Essa troca de idéias, de experiências revelará o verdadeiro caminho, um regime de ajuda mútua, num dar e receber contínuo, provocando a coerência na educação proporcionada pela família e pela escola. (p. 52)

Cabe a nós, educadores, buscar envolver os responsáveis em atividades direcionadas, tais como projetos, campanhas, oficinas, com a intenção de trazê-los para dentro da escola, sabida a importância que isso exerce na vida escolar das crianças.

A parceria entre escola e família é indissociável, pois tanto a escola depende da família quanto a família depende da escola. Então, se realizarmos um trabalho em conjunto, obteremos mais sucesso na proposta de “(...) educar para mudar.” (MARQUES, 2004, p. 48) Complemento essa ideia com uma citação de Tiba (1998) que diz, “(...) só quem se sente pertencendo a um time o defende com unhas e dentes. Assim são os pais e filhos que se sentem pertencendo a uma escola, todos formam um time afetivo e eficiente.” (p. 165)

Podemos e precisamos ajudar os responsáveis a tomarem consciência sobre seus verdadeiros papéis, principalmente quanto à necessidade de dispensarem atenção aos filhos, mesmo através de atitudes simples, mas que são significativas para eles: olhar o caderno, elogiar, cobrar momentos de estudo, buscar o boletim, comparecer na escola com frequência, demonstrando preocupação e interesse pela criança. Logo, a criança irá participar com mais empenho e dedicação, pois notará que há alguém interessado pelo que ela faz, assim como o que ela faz na escola passa a ter importância.

A escola em que realizei meu estágio e que é alvo de discussão desse trabalho, vem tentando promover essa participação dos responsáveis, marcando as atividades sempre aos sábados ou fora do horário comercial, para que aqueles que trabalham possam acompanhar a vida escolar dos filhos. Além disso, as tarefas de casa são curtas, para que possam fazer juntos. Vale lembrar, que o mais importante é a qualidade do tempo que os responsáveis passam com os filhos e não a quantidade.

Sendo assim, desejando analisar e estudar o assunto de forma mais aprofundada, delimito o meu tema voltando-o para a seguinte problematização: “Como acontece a participação da família no processo de alfabetização e letramento dos seus filhos?” Analisando situações ocorridas no cotidiano do estágio curricular realizado com a turma do 2º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias.

1.2 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Durante esse curso ampliei meus conhecimentos sobre diversos assuntos (construção do número, relações espaço-temporal, Educação de Jovens e Adultos, entre muitos outros). Entretanto, cabe nesse momento salientar o aprendizado sobre letramento, visto que esse é um dos temas discutidos nesse trabalho.

Como já explicitado nos capítulos anteriores, há alguns anos sou docente alfabetizadora e falar em alfabetização se tornou comum no meu dia-a-dia, mas falar em letramento foi uma novidade.

Segundo Soares (2001), o termo letramento surgiu para definir a necessidade do saber fazer uso do ler e escrever, do saber responder às exigências que a sociedade faz continuamente sobre a leitura e a escrita. Enquanto, alfabetização é a aquisição da técnica da leitura e da escrita, sendo que um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Nesse sentido, Soares (2001) *apud* PICETTI; RANGEL, 2007⁵ afirma que:

(...) aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e decodificar a língua escrita; (...) um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. (p. 39 e 40)

O termo letramento é novo, data por volta de 1980, por isso ainda não está dicionarizado, sendo preciso buscar referências em autores conceituados em educação, para defini-lo.

A diferença básica entre os dois termos está no aspecto individual que correspondente à alfabetização, enquanto o letramento corresponde ao social.

Segundo Tfouni (1995), enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade (p. 20).

⁵ Esse texto consta na biblioteca do Rooda e é da interdisciplina “Fundamentos da Alfabetização”, realizada no primeiro semestre de 2007.

É nosso dever, enquanto professores, proporcionar aos nossos educandos, em caráter permanente, o contato com o mundo da leitura e da escrita, para que além de estarem alfabetizados, possam fazer parte de um grupo que é letrado.

Segundo Soares (2001) *apud* PICETTI; RANGEL (2007) atualmente, “(...) não basta apenas dominar as técnicas de leitura e escrita, mas é necessário saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que essa sociedade faz continuamente” (p.1). É encontrar uma função para o ler e escrever; é identificar para que serve e onde irá usar aquilo que aprendeu. O essencial hoje, não é ter uma escola de informação, pois isso os alunos trazem em sua bagagem; mas sim, uma escola do conhecimento, onde o professor é o mediador/instrutor de como, porque e onde o aluno aplicará essa informação. É dar significado as aprendizagens.

Descobrir que para ser letrado, o sujeito não precisa estar alfabetizado, foi curioso e perpassou por um processo de assimilação e acomodação⁶ desta nova aprendizagem. Fazendo descobertas nesse sentido em Soares (2001) *apud* PICETTI; RANGEL (2007):

Uma criança, que mesmo ainda não dominando a técnica da leitura e da escrita, folheia livros, jornais, revistas... finge lê-los, brinca de escrever, escuta histórias lidas por outro, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, pode ser considerada letrada, pois já entrou no mundo do letramento. Embora, seja considerada analfabeta, pois ainda não aprendeu a ler e escrever (p.2).

Logo, aquele sujeito que se torna letrado, fazendo o uso social da aprendizagem da leitura e da escrita, acaba por modificar sua maneira de falar, de conviver socialmente, bem como amplia o campo dos saberes.

Enquanto isso, referir-se a alfabetização, não é tarefa tão fácil quanto parece, visto que cada aluno tem um ritmo diferente, e nós professores os temos todos ao mesmo tempo dentro de uma sala de aula. Por isso, geralmente é aquele professor que chegou por último na escola, que assume as turmas de alfabetização, pois os mais antigos não querem a

⁶ Piaget (1986) explica a aprendizagem através de dois processos: a assimilação e a acomodação, sendo que todos os sujeitos aprendem dessa forma, sejam eles pessoas com necessidades especiais, crianças, jovens ou adultos. Assimilar significa incorporar algo novo a uma estrutura já existente e acomodar significa transformar a estrutura pré-existente para incorporar o elemento novo.

responsabilidade de alfabetizar. Coincidindo com isso, Soares *apud* Picetti e Rangel (2007) explica a árdua tarefa que o professor alfabetizador encontra ao realizar seu trabalho, que não é apenas o de ensinar a ler e a escrever:

A turma tem vida social intensa, alianças se formam e se desfazem, surgem afinidades e antipatias. Há conflitos e disputas, a professora é ao mesmo tempo mediadora, juíza, apaziguadora, estimuladora, autoridade responsável pela segurança física, animadora da aprendizagem, ombro amigo e, às vezes, mãe substituta. Além disso, tem que ensinar a ler e escrever. (p. 5)

Assim sendo, a alfabetização e o letramento são indissociáveis, pois um acaba complementando o outro, sendo que a primeira somente terá funcionalidade a medida em que formos utilizando ao longo do cotidiano. Então, letramento tornou-se tarefa de todos os professores, para toda a vida.

Hoje, temos que trabalhar aliando a alfabetização e o letramento, visando não apenas ensinar o educando a ler e escrever, mas tornando-o capaz de perceber a função da leitura e da escrita na sua vida cotidiana, podendo assim exercer sua condição de cidadão autônomo e crítico, podendo fazer a diferença no grupo social em que está inserido.

Nesse contexto, espera-se uma participação efetiva da família, tanto no que se refere à alfabetização, quanto ao que se refere ao letramento, uma vez que família e escola precisam caminhar juntas para um desenvolvimento integral dos sujeitos (alunos). Em qualquer trabalho educativo que tem como foco a criança, é importante que se busque, para fazer parte do mesmo, uma boa relação entre esses dois pilares.

O grau de letramento em que os membros da família encontram-se influenciará na relação família-sujeito-escola, pois segundo Costa e Lazzari (2005):

As crianças, ao ingressarem na escola, trazem consigo uma bagagem de experiências extensas e significativas vividas anteriormente em suas famílias. Ao se relacionarem com o mundo escolar, passam a exteriorizá-las. A forma como as crianças expressam as suas vivências revela que elas reproduzem realmente aquilo que vivem no âmbito familiar. O comportamento da criança na escola é um retrato fiel da sua vida familiar, se ela está bem, física e psicologicamente, isto terá um reflexo nas suas atitudes, no seu comportamento com

os colegas e, conseqüentemente, na vida em sociedade. (p. 22)

Complemento tal idéia destacando que espera-se que tudo aquilo que o aluno aprende na escola, seja compartilhado com a sua família, estabelecendo-se ligações importantes com o intuito de consolidar essa relação.

1.3 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Família e escola precisam trabalhar juntas, contribuindo para preparar um futuro cidadão com uma dada concepção de vida em sociedade; para o respeito ao equilíbrio ecológico do planeta; para recriar a paz; para reduzir a violência; para preparar o sujeito para a vida em sociedade... Precisamos então, preparar, em conjunto (família/escola), os sujeitos/alunos para viverem num mundo em transformação, e que será bem diferente do atual quando eles concluírem a etapa da escola! Nesse sentido é fundamental a parceria entre a família e a escola.

Então, assim como a sociedade está em constante processo de mudança, a escola também terá de mudar, para trabalhar na formação de cidadãos ativos, capazes de dominar a tecnologia e dar sentido à vida individual e coletiva. Segundo Villas- Boas (2001):

Mais do que nunca, os pais e os professores precisam se ajudar mutuamente: os professores pelas dificuldades acrescidas e por, simultaneamente, verem diminuído o seu estatuto profissional e o apoio da comunidade; os pais por se confrontarem, cada vez mais, com situações de divórcio, desemprego, isolamento e problemas com os filhos. (p.83)

Essa parceria entre família e escola não é uma simples criação da atualidade, mas sim uma comprovada relação de extrema e significativa importância para diminuir os índices de evasão e de violência, bem como para melhorar o rendimento dos alunos. Sabemos que o professor tem um papel fundamental no processo educativo, mas ele não pode estar sozinho nessa tarefa. A educação das crianças não começa e nem termina na escola. O envolvimento da família também pode ser decisivo no sucesso ou no fracasso

do aluno, em qualquer etapa de escolarização, seja no processo de letramento e alfabetização, seja no ensino médio ou graduação.

Os responsáveis são os primeiros professores e a casa, a primeira escola da criança. Esses “professores” e essa “escola” continuam valendo como importante colaboração após o ingresso da criança no ambiente escolar. Podemos observar em nossas instituições que nos primeiros anos de escolaridade, o fluxo formal e informal de informação e comunicação entre família e escola costuma ser bem maior do que quando a criança já tem mais autonomia e, mesmo assim tem sido pouco e ineficaz.

Sendo assim, a política educacional está expandindo seu raio de ação para além da escola, formalizando as integrações família-escola e explicitando a contribuição da família para o sucesso escolar. Para Villas-Boas (2001), o sucesso escolar ocorre quando se verifica uma verdadeira relação produtiva de aprendizagem entre o professor, o aluno e a sua família. Como complementação, Castro (2005), além de fazer referência dessa pareceria, também salienta a falha dos responsáveis, quando afirma que:

Queiramos ou não, os pais e as escolas compartilham a mesma empreitada de educar os alunos. Um não pode fazer o serviço do outro. Mas, em parceria, os pais podem contribuir se conhecerem as regras do jogo e se dedicarem a tal tarefa cooperativa. Na prática, o desempenho dos pais deixa muito a desejar. (p.28)

Essas duas instituições, família e escola, são distintas e tem papéis diferenciados, em busca de um mesmo objetivo: a educação. O adequado é que uma não exerça o papel da outra, porém uma pode complementar a outra, atuando em pareceria.

Família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano; são marcos de referência existencial. Quanto maior for a parceria entre ambas, mais positivo e significativo serão os resultados na formação do sujeito. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares. (DI SANTO, 2006, p. 2)

No entanto, falar em pareceria é fácil, mas construí-la é um trabalho exigente. É necessário reconhecer as características de cada uma e descobrir

pontes possíveis existentes, levando em consideração as condições reais da escola, da família e, também, desses novos filhos/alunos (a família coloca filhos na escola e não alunos, mas essa recebe alunos e não filhos).

Como educadora, entendo que independente da forma como a família se organiza, é importante que as pessoas que convivem com a criança demonstrem curiosidade em relação ao que acontece em sala de aula, reforçando a importância do que está sendo aprendido e assim, dando uma enorme contribuição para o seu sucesso na aprendizagem.

Observo em minha prática pedagógica que, atitudes simples, como olhar o caderno, admirar um desenho ou ler junto um livro, são fundamentais para demonstrar interesse pelos estudos do filho (a). É relevante destacar que o fato do familiar ser analfabeto não é desculpa para deixar de dar atenção e acompanhar o processo de aprendizagem da criança. Como já dito acima, sentar junto na hora de fazer o tema de casa, olhar o caderno, elogiar, dar conselhos, entre outros, são pequenas ações, mas fundamentais, fazendo com que a criança perceba que há interesse e preocupação por parte da família para com ela e, dessa forma corresponda às expectativas de aprendizagem. Segundo Villas-Boas (2001, p.56), "(...) é em casa que ela deve encontrar o encorajamento necessário, uma vez que, sem ele, pode iniciar um processo de desinteresse, muitas vezes irreversível."

Infelizmente, muitas vezes, como professora atuante em sala de aula, encontro familiares que raramente acompanham o desenvolvimento dos seus filhos. Muitas vezes, esses familiares demonstram indiferença com relação à educação, o que acaba fazendo com que os alunos não vejam a real importância e qual função terá a mesma para seus futuros.

Conforme Gentile (2006), hoje em dia aquela conversa entre pais e professores, na porta de entrada da escola, está se tornando uma ocasião cada vez mais rara. A autora também afirma que:

Nas grandes cidades, a falta de tempo é um dos fatores que afastam as famílias da escola. Na zona rural, é a distância. [...] Contudo, essa realidade não pode servir de desculpa para a falta de contato. (p.37)

Como ocorre no contexto onde a escola em que fiz meu estágio⁷, está inserida, escola rural – do interior do Rio Grande do Sul- essa ausência se dá, sobretudo devido à distância. É importante relatar que raramente os responsáveis comparecem na escola, deixam até de retirar as avaliações dos filhos, assinam bilhetes que são enviados, mas não estabelecem um diálogo sobre o que foi escrito. Assim, professores vêm-se sozinhos nesta empreitada: a de educar.

Para ilustrar essa situação, cabe uma reflexão da prática de estágio que realizei:

Além disso, volto a citar a dificuldade no acesso a informações que percebo terem os meus alunos, sendo que a educação parece só existir no âmbito escolar (ocorre também com os temas que levam para fazer em casa – esquecem ou não fazem), pois a participação da família no processo de aprendizagem dos filhos é bastante restrita. (Semana de 24 a 28 de maio de 2010)⁸

A grande maioria das famílias dos alunos, com quem realizei meu estágio, como já dito na introdução, é carente e pouco escolarizada e, pelo que observei durante o período em que fiz o mesmo, ainda não encontraram uma função para a leitura e escrita, pois quase não fazem uso de ambas. Quase todas as famílias trabalham no corte de mato; na produção de carvão, na agricultura. Por isso, o trabalho de convencer os alunos da necessidade de saber usar aquilo que aprenderam na escola, na prática, é bastante difícil, pois não tem sentido na vida deles.

No entanto, assim como a família auxilia para aprimorar a aprendizagem dos filhos, igualmente pode desempenhar o papel de avaliadora, a fim de aperfeiçoar o trabalho realizado pela escola, exigindo cada vez mais qualidade de ensino.

Gentile (2006,) salienta essa questão ao afirmar que: (...) abrir as portas para os pais é uma via de mão dupla: ao mesmo

⁷ Escola Municipal de Ensino Fundamental Gonçalves Dias.

⁸ As escritas referentes aos dados empíricos dessa pesquisa, serão escritas com fonte itálica.

tempo que requisitam a parceria deles para melhorar a aprendizagem, os educadores devem estar preparados para receber críticas e implantar sugestões (p.39)

Isso é importante para que a relação família-escola seja duradoura e fortalecida. Os professores e, por conseguinte, a escola, precisam dar abertura para sugestões e críticas, pois afinal de contas, o trabalho de formação educacional é realizado com os próprios filhos dessas pessoas que estão contribuindo ou sugerindo. Caso a sugestão seja inadequada, é preciso estabelecer um acordo com os responsáveis, através de diálogo, para evitar um clima desagradável para ambos.

Por outro lado, essa visão de integração, cooperação e parceria também precisa ser considerada pelos responsáveis, uma vez que as críticas são importantes como forma de crescimento e não como um meio de interferir no trabalho pedagógico da escola. Família presente não significa dispensar uma proteção em demasia ao pupilo. Em relação a isso, Zagury (2006) assegura que:

A participação da família na vida escolar é importantíssima, mas tem sido confundida com a idéia de que o aluno sempre tem a razão – o que provoca confrontos e esvazia a autoridade da escola e do professor. Escola e família têm de ser parceiras. (p.111)

Di Santo (2006) expõe a importância de responsáveis, professores e filhos/alunos compartilharem experiências, entenderem e trabalharem as questões envolvidas no seu dia-a-dia sem cair no julgamento “culpado x inocente”, e sim buscando compreender as nuances de cada situação, uma vez que tudo o que se relaciona aos filhos tem a ver, sob algum ângulo, com a escola e vice-versa. Por isso, a necessidade de haver essa troca entre todos os envolvidos no processo de letramento e alfabetização, pois o aluno, que é o maior interessado, perceberá que tanto seus responsáveis quanto a escola preocupam-se e de quebra, se interessam pelo seu sucesso.

Então, uma boa relação família-escola é basilar para o processo de aprendizagem da criança, que deve ocorrer num ambiente de tranquilidade. Com essas duas instituições dialogando e caminhando juntas, proporciona-se

segurança para uma aprendizagem produtiva, o que é imprescindível ao desenvolvimento formativo da criança.

Villas-Boas (2001) menciona esta aprendizagem produtiva ao descrever que:

Se o objetivo comum entre pais e professores for o da aprendizagem dos alunos, então torna-se necessário que, entre estes três intervenientes do processo educativo, os alunos, as suas famílias e os seus professores, existam genuínas relações de parceria, ou seja, uma verdadeira relação produtiva de aprendizagem. (p.153)

Ao participar da vida escolar das crianças, os responsáveis estão auxiliando-as a apresentarem um desempenho muito melhor, tanto na escola quanto na vida. Gracie (2002) diz que:

Quanto maior o envolvimento deles, melhor o desempenho do aluno, que ganha segurança, auto-estima e notas mais altas. A família é como um tesouro que vai ajudar a compreender melhor o sujeito aluno, facilitando as intervenções. (p.15)

Uma relação recíproca de conhecimento, escuta e parceria de saberes é sinônimo de confiança mútua, o que é essencial para que a escola não fique isolada, como algo estranho, senão oponente ao mundo vivido pelas crianças e seus familiares. Logo, é preciso buscar uma parceria com as famílias, para que possam estar passando para a turma de alunos, seus conhecimentos acerca de seus objetos de estudos, nesse caso o letramento e a alfabetização, pois estarão mostrando que aquilo que seus filhos estão aprendendo é necessário para a sua vida diária, inclusive em suas atividades profissionais. É demonstrar que apesar de não parecer, muitas famílias dos alunos são letradas, e o que de fato falta, é o interesse pelos filhos e por aquilo que eles estão fazendo na escola. Nessa relação todos ganham, pois há a possibilidade de enriquecimento do processo de letramento de familiares, professores e alunos.

Difícilmente uma escola, no mundo moderno, realizará um trabalho integrado de forma verdadeira, se não contar com a real parceria dos responsáveis. Do mesmo modo, será difícil que a família consiga o desenvolvimento integral e harmônico de seus filhos, se não depositar confiança na instituição educacional e, ao mesmo tempo, der sua parcela de

contribuição. Portanto, responsáveis e professores precisam inovar, criando um vínculo e um espaço de troca. Todos só têm a ganhar com a realização de um trabalho em conjunto, em união, em parceria... Conforme Freire (1996):

É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se na verdade engajada na formação de educandos e educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos. (p. 26)

Concernente a tudo isso, o principal na relação escola – família; no processo de letramento e alfabetização, é a relação entre essas figuras fundamentais: aluno/ professores/ responsáveis. É a possibilidade de todos, juntos, construir o sentido social da aprendizagem da leitura e da escrita.

2. ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS

Neste capítulo analisarei o processo de letramento e alfabetização em que os alunos “V”, “C” e “J”⁹, estiveram envolvidos ao longo do meu período de estágio, buscando refletir também sobre como as famílias participaram nessa jornada.

Os alunos “V” e “J” sempre foram muito unidos, sendo que geralmente escolhiam um ao outro para sentarem-se juntos, tanto para formar par quanto para formar grupo. Ambos são de origem alemã e apresentam um sotaque bem característico dessa etnia. Essa parceria foi se firmando para outras funções, que não a de estudarem, mas de rir, brincar, conversar, entre outras atitudes que interferiam na aprendizagem deles.

Tanto um quanto o outro, não encontrava problemas com relação à identificação dos números, realização de cálculos, decomposição em unidades e dezenas, raciocínio lógico (conceituais de matemática); mas, em se tratando de alfabetização (construção da leitura e da escrita), ainda não identificavam o alfabeto, bem como palavras trabalhadas (sílabas), demonstrando muita dificuldade na leitura de palavras, frases e pequenos textos.

As duas famílias são de origem humilde, com poucos recursos financeiros, sendo que a família de “J” trabalha na roça, plantando mato de acácia e eucalipto, e também aipim; e a de “V” são funcionários de uma floricultura, onde são responsáveis pelo plantio de mudas.

Nesse contexto, é perceptível o nível de letramento das famílias dos alunos, através da forma como estão habituados a falar “gramaticalmente” incorreto (Ex: “barre”, “carçá”, “vortá”, “bicicreta”, etc¹⁰...). É importante destacar que observo, como professora, que sujeitos letrados, mesmo que pertencentes a um meio desfavorecido financeiramente, tendem a ampliar seu vocabulário, procurando falar corretamente.

⁹ Para preservar a identidade dos alunos, decidi os chamar por letras.

¹⁰ Sequência das palavras: varrer, calçar, voltar e bicicleta.

Após conversar com a equipe pedagógica da escola, orientadora e supervisor, decidimos então, convocar esses pais a comparecerem na escola com a intenção de conversarmos sobre a aprendizagem de seus filhos e saber como eles estavam vendo esse processo; como estavam ajudando; e, sugerir maneiras de como poderíamos estabelecer uma parceria entre escola – família. “J” e “V” foram encaminhados para a Classe de Apoio¹¹, devido as dificuldades que vinham encontrando em sala de aula.

Segundo Tiba (1998) “a escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação: o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles estudem” (p.164). Por isso, a necessidade e a relevância de convidar os responsáveis para uma conversa franca e clara, sobre o papel que necessitam desempenhar.

O primeiro a vir conversar foi o pai de “J”, que ficou surpreso pelo comportamento da filha e pediu desculpas por ela. Contou que por encaminhamento da professora do ano anterior, ele levava a menina na fonoaudióloga, pois ela tinha algumas dificuldades na fala, o que já havia apresentado progressos. No momento estranhei o fato da orientadora educacional da minha escola não ter me passado essa informação. Ele também, relatou que tanto ele quanto a esposa (mãe da aluna), liam e escreviam muito mal, mas que conheciam números e que faziam cálculos, pois eram *“coisas que precisavam saber para vender o mato e o aipim”*. Então, entendi o porquê dela saber tão bem à parte da matemática e encontrar dificuldades com relação à leitura e a escrita. O mundo dos números tinha um sentido para ela, um sentido familiar.

Em outro momento, atendi o pai do aluno “V”, que demonstrou estar surpreso com as atitudes do filho e mais pasmo ainda ficou quando eu expliquei da dificuldade do filho com a parte da construção da leitura e da escrita. Pude observar que como o pai e a mãe são apenas alfabetizados, eles não se deram conta da situação de aprendizagem do filho e acharam que ele estivesse indo muito bem.

¹¹ A Classe de Apoio é um projeto que ocorre no contraturno, atendendo uma vez por semana, os alunos com dificuldades na aprendizagem.

Ambos os pais relataram que apenas perguntavam aos filhos se eles tinham alguma tarefa para fazer em casa, mas confessaram que não olhavam o que era, bem como não ajudavam na realização da mesma. Além disso, não olhavam o caderno, mas mantinham a preocupação de saber se os filhos tinham seus materiais em dia.

Foi preciso então, uma explicação da importância de se estabelecer uma relação de parceria entre nós, para que o nosso principal objetivo fosse atingido: o da aprendizagem desses alunos. Sugeri aos pais que incentivassem seus filhos a lerem e praticarem a escrita, que procurassem atribuir um valor para o aprender a ler e a escrever. Talvez, mesmo com a questão da dificuldade dos pais com relação à leitura e a escrita, sentassem junto com seus filhos e produzissem a lista de compras, que olhassem as contas a pagar e receber, que pedissem aos filhos para lhes explicarem o que haviam aprendido na aula, enfim, que a partir daquele momento, as situações de leitura, escrita, cálculos, entre outros, fosse associada à função social que as mesmas têm. Assim, seus filhos estariam percebendo que também para a sua família, era importante que eles fossem “bem” na escola, que aprendessem, e não somente para a professora.

Além disso, com o pai da “J”, combinamos que semanalmente conversaríamos na entrada ou na saída da aula, rapidamente, sobre o desenvolvimento dela, visto que o mesmo a traz e busca todos os dias. E com o pai do “V”, acordamos em mandar um bilhete, também semanalmente, pois eles residem muito distante da escola e assim, facilitaria nossa comunicação.

Essa parceria estabelecida pelas conversas com os responsáveis, através das combinações estabelecidas, conforme Shinyashiki (1992):

É bom lembrar que, quando se quer atingir um resultado diferente, é preciso uma atitude diferente. Portanto, ao final dessas conversas, as pessoas envolvidas devem assumir um compromisso com mudanças para que se atinjam os resultados desejados. (p.80)

Logo, em duas semanas, os compromissos firmados foram efetivados. Pude constatar o progresso desses dois alunos com relação ao processo de construção da leitura e da escrita, bem como aprendizagem quanto a maneira

como passaram se seguir as combinações de sala de aula. Foi possível comprovar que a participação efetiva da família, traz excelentes frutos, sendo que os maiores beneficiados são os alunos e as próprias famílias, que acabam por participarem de situações de letramento, mesmo em um contexto desfavorecido. A família passa a desfrutar de um maior momento de interação com seus filhos.

Podemos relacionar tais constatações com as ideias do estudioso Portes (2000, p.70) que nos diz que “(...) é na família que o indivíduo irá buscar energia, sustentação para enfrentar situações difíceis de serem vivenciadas (...)”, ficando evidente a importância do incentivo, do cuidado, do auxílio, que os responsáveis dão aos seus filhos, deixando-os mais fortes para enfrentarem as adversidades que surgem ao longo dos processos de alfabetização e letramento.

Em pouco tempo, “V” já estava alfabetizado e logo em seguida foi a vez de “J”, que em conjunto comigo e com a professora da Classe de Apoio, comemoramos esse resultado. Também, as famílias expuseram seu contentamento durante a entrega das avaliações.

Cabe citar as falas dos pais desses alunos, com relação a sua opinião sobre o desenvolvimento dos seus filhos:

“Quando eu vi que o “V” tava lendo, quase chorei, chamei minha esposa pra ve. Aí, escrevemo um monte de palavra pra ele ler. Depois, teve um dia que ele chego com o bietinho que não precisava mais ir na Crasse de Apoio, daí ficamos muito feliz e vimo que te ido na escola e conversado com a senhora, resorveu. (“L”)

“Nossa professora! Me admirei de como a “J” melhorou nos estudos; agora já faiz as coisa sozinha. Eu conversei sério com ela em casa e como ela sabia que eu vinha conversa ca senhora toda semana, “tomou jeito”. Dá gosto de ve a menina juntando os pedacinhos e lendo.” (“P”)

Depois desses dois relatos de parceria entre família e escola, que foram bem sucedidos, cabe citar o caso de outra família, a do aluno “C”.

“C”, como toda criança, é especial. Ele apresenta uma série de dificuldades, tanto de aprendizagem quanto de seguir as combinações realizadas em sala de aula. Em parte, tal questão parece ser reflexo do meio social onde está inserido. Ele é filho de agricultores, que tem uma situação econômica boa. Eles vivem em função do plantio e corte de mato e demonstram considerar, isso como a melhor atividade a ser exercida e almejam isso para seus filhos. “C” diz, seguidamente, que não gosta de estudar e questiona o porquê que tem estudar. Fala preferir estar a cavalo laçando ou na “lida da roça”, do que estar na escola. É uma criança muito agitada, que encontra grandes dificuldades em manter-se no seu lugar quando necessário, em falar baixo, em manter-se limpo, bem como o seu material; raramente tem seus materiais básicos, pois os perde. No refeitório não utiliza talheres para fazer as refeições, entre tantas outras situações.

É importante expor que durante a semana ele fica na casa dos avós, que localiza-se na mesma propriedade dos pais, porém a uma certa distância. O pai trabalha no caminhão da lenha (que é de sua propriedade) e a mãe é operária numa fábrica de calçados. Além disso, ambos concluíram o Ensino Fundamental.

Inicialmente, conversei com a avó do menino “C”, que concordou com tudo que eu expus referente ao processo de construção do conhecimento do aluno. Combinamos estratégias para auxiliá-lo a fim de sanar suas dificuldades. A exemplo dos outros alunos citados, “C”, também passou a frequentar a Classe de Apoio e, além disso, acordamos que semanalmente eu iria escrever em seu caderno como havia transcorrido a semana. A avó se comprometeu a acompanhar o caderno do menino, assim como em ajudá-lo na realização das atividades de casa, sem fazer por ele os trabalhos, fato comum de acontecer.

Assim, ocorreu nas duas primeiras semanas, onde os bilhetes voltaram assinados e “C” retornava para a escola com as tarefas de casa feitas. Porém, na terceira semana, isso não ocorreu mais, sendo que o menino relatou que a avó disse que essas coisas ele tem que aprender na escola e que ela não tinha obrigação de ficar cuidando disso em casa. Também, disse que ele não precisava saber muito, pois para o serviço da família isso não era necessário.

Novamente, agora com o auxílio da orientadora da escola, tivemos uma conversa com a avó, já que os pais não podem comparecer à escola e a diretora acata essa condição. A avó disse que não podia fazer nada e que no próximo ano o aluno “C” iria ver, porque a professora do 3º ano iria colocá-lo nos eixos. Também, para confirmar toda essa situação envolvendo o processo de construção do conhecimento e o seguimento das combinações por parte desse aluno, no dia da entrega das avaliações, a mãe do menino foi até a escola para retirar o boletim de “C”. Então, entendi o motivo pelo qual ele não vê a importância nem a necessidade de estudar, pois eu estava conversando com ela, e esta olhava para os lados e assim, que terminei minhas explicações, pegou o parecer descritivo, enrolou e guardou na bolsa, sem fazer nenhuma pergunta, sem questionar nada daquilo que eu havia lhe dito.

Essa situação lembrou-me uma passagem de Gadotti (2003):

Logo, é necessário que o aluno saiba o porquê de estar aprendendo um determinado conteúdo, pois ele só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido (p. 71)

Percebi que para esse aluno e para sua família não havia muito porquê de ele estar aprendendo conhecimentos escolares. Foi possível observar que os filhos daqueles responsáveis que frequentam a escola, isto é, participam da vida escolar deles, conseguem acompanhar o ritmo das aulas envolvendo-se nos processos de alfabetização e letramento. Porém, as crianças cujos pais participam pouco são as que geralmente apresentam dificuldades e desinteresse. Essa questão também é indagada por Capeletti, Jaks e Keller (2005), as quais se perguntam:

Por que alguns pais não vão à escola? E justamente aqueles cujos filhos têm maior dificuldade de aprendizagem ou indisciplina? Estão desanimados? Pensam que seus filhos não têm solução? Por que a escola não está conseguindo cativá-los, buscá-los? (p.203)

Portanto, é possível afirmar, a partir de minha experiência como educadora, que a participação das famílias no processo de aprendizagem e na vida escolar dos filhos está acontecendo de forma parcial. Em praticamente

todas as atividades promovidas pela escola, posso observar que há participação dos mesmos responsáveis de sempre. Já aqueles que os filhos mais precisam se integrar, pois os filhos apresentam dificuldades e necessitam de atenção, são os que menos comparecem. Apesar da escola desenvolver um trabalho com a finalidade de integrar família e escola (reuniões, festas, comemorações, apresentações, etc), sempre há alguns pais que permanecem afastados e procuram não se envolver.

Sabe-se que muitas famílias trabalhadoras não têm condições de acompanhar o processo de construção do conhecimento dos seus filhos. Aí está o papel da escola em abrir as portas oportunizando possibilidades dessas famílias estarem presentes no processo educativo, contribuindo para o estreitamento dos laços família-escola.

Talvez uma alternativa para aproximar os pais da escola, seria aproveitar situações de letramento, promovendo atividades interativas, onde esses pudessem compartilhar seus saberes, seja através de receitas de algum alimento, seja contando histórias, enfim, todas situações evidentes de letramento, que posteriormente poderiam ser aproveitadas pelo docente em suas aulas. Principalmente porque para Kleiman (2006):

Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das *agências de letramento*, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência *individual* necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes.(p. 2)

Contudo, desenvolvi minha prática de estágio almejando trabalhar com todas as formas de letramento, principalmente buscando uma parceria entre a escola e a família, pois como pontua Tiba (1998) a educação se faz a seis mãos: professor, mãe e pai.

Assim, vejo como fator de grande peso a participação da escola e da família no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Por isso, procuro criar sempre um bom relacionamento com os responsáveis dos alunos e,

principalmente, conscientizá-los da importância dessa união e, durante a prática do meu estágio curricular isso não foi diferente.

Busquei também alfabetizar meus educandos, envolvendo-os em situações semelhantes àquelas que irão encontrar no mundo fora da escola, pois assim estarão alfabetizados e letrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos realizados e durante o desenvolvimento desse trabalho, pude, em primeiro lugar, confirmar com mais intensidade a minha certeza do quão importante é para a criança que a família acompanhe sua vida escolar.

Vislumbrei a necessidade de reciprocidade entre família e escola, pois uma depende da outra, na busca pelo objetivo de educar as crianças para uma vida em sociedade, estabelecendo funções para tudo que aprendem na instituição escolar, relacionando com suas vivências.

No entanto, infelizmente, algumas famílias ainda não participam de maneira satisfatória nos processos de letramento e alfabetização, bem como no ambiente escolar dos seus filhos. Logo, dificilmente, demonstram preocupação e empenho em apoiá-los nos estudos, nem mesmo reconhecem a importância dessa ajuda para o sucesso da aprendizagem das crianças.

Da parceria dessas duas instituições, escola e família, é preciso haver cooperação e ajuda mútua, sendo que em determinados momentos é cabível enxergar-se no lugar do outro, para em conjunto almejarem o melhor para os sujeitos envolvidos nesse processo.

Alguns pais acreditam que já participaram da vida escolar de seus filhos, ao comprarem e fornecerem materiais escolares e uniforme para eles frequentarem as aulas, ou ainda, não se deram conta da notável diferença que isso acomete no desenvolvimento cognitivo das crianças. Há também, aqueles que não encontraram uma forma de participar da vida escolar de seu filho, por isso, acabam por distanciarem-se.

Sendo assim, para envolver os pais ausentes, a escola ainda precisa estudar e buscar novas maneiras de agir. Também necessita procurar conscientizá-los sobre os seus verdadeiros papéis enquanto família. Envolvê-los, mesmo que minimamente, será um indicador de avanço, uma possibilidade de integração com responsáveis mais participativos, e assim, uma motivação para continuarem participando.

Para Costa “Os mais comprometidos, ainda que sejam minoria, têm capacidade de influenciar o restante da comunidade e

mudar a escola. Essa mudança pode ser o segredo do sucesso para uma relação duradoura e com final feliz.” (*apud* Gentile, 2006, p.39)

Família e escola precisam aproveitar todas as oportunidades para estreitarem suas relações de união e parceria, focando o aluno como um sujeito único, facilitando a aprendizagem e contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Por fim, para selar essa parceria entre família e escola, com relação principalmente a alfabetização e letramento, é crucial que o professor valorize a leitura de mundo que o seu educando possui, que é tão importante quanto à leitura propriamente dita, pois, nos dá à diferença no contexto da vida, onde é preciso colocar em prática aquilo que se aprende. Conforme Freire (1996), se o professor assumir uma postura contrária a isso trará malefícios aos educandos:

A resistência do professor, por exemplo, em respeitar “a leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento. (p. 46)

Portanto, valorizar o nível de letramento que o nosso aluno chega a escola, é uma forma de valorizar não somente aquilo que ele já sabe, mas também de aproximar a família a instituição escolar, podendo talvez, ampliar, através desse aluno, a situação de letramento e alfabetização que essa família possui.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Lisboa: Porto, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1998.

_____. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006.

BETOLILA, Alain; SOARES, Magda. É preciso conjugar alfabetização e letramento? In: LETRA Ao jornal do alfabetizador. CEALE, Belo Horizonte, p. 3, v.3, mai/jun, 2007. (Texto 4 – Módulo 5)

CAPELETTI, Magali; JACKS, Rose Maris; KELLER, Silvia Nunes. Família e aprendizagem: reflexões sobre a influência da família no processo de aprendizagem das crianças. In: VARELLA, Noeli Klein; SILVA, Janira Aparecida da. (Orgs.). **Desafiando estruturas e criando caminhos na aprendizagem**. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 198-209.

CASTRO, Cláudio de Moura. O decálogo dos pais. **Revista Veja**. São Paulo: Abril, p.28, mar. 2005.

COSTA, Ivani; LAZZARI, Eliane. A família é o santuário da vida. **Revista Rainha dos Apóstolos**. Porto Alegre: Sociedade Vicente Pallotti, n. 963, p. 22-23. jan./fev. 2005.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DIESEL FILHO, Adroaldo; SILVEIRA, Alice Diesel. **Escola de pais**: e a família nunca mais foi a mesma. São Leopoldo: [s. N.], 2002.

DI GIORGI, Piero. **A criança e as suas instituições**. Lisboa: Horizonte, 1980.

DI SANTO, Joana Maria Rodrigues. **Família e Escola**: uma relação de ajuda. Disponível em:

<http://www.toodoc.com/search.php?q=familia+e+escola%3A+uma+rela%C3%A7%C3%A3o+de+ajuda+joana+maria+rodrigues+di+santo>.

Acesso em: 20 de set. 2010.

<http://fabianavlealestagio.pbworks.com/w/page/26653143/Semana%20%20-%20Reflexão> Acessado em 22 de set. 2010.

<http://fabianavlealestagio.pbworks.com/w/page/25964760/Semana%20%20-%20Reflexão> Acessado em 23 de set. 2010.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. Esta síntese foi produzida pela Profa. Dranda Jaqueline Santos Picetti e pela Profa. Dra. Annamaria P. Rangel. Ela é composta dos capítulos 1, 2, 3, 4, 5 e 8, sendo excluídos os capítulos 6 e 7

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Boniteza de um sonho ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GENTILE, Paola. Família e escola: parceiros na aprendizagem. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, n. 193, p. 32-39, jun/jul.2006.

GRACIE, Marcela. Família-Escola: interfaces da relação pais e professores. **Jornal do MEC**. n. 20. Brasília – DF: Impresso especial, ago. 2002. p. 15.

KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (Org). **FAMÍLIA BRASILEIRA: a base de tudo**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 15-61.

MALDONADO, Maria Tereza Pereira. **Comunicação entre pais e filhos: A linguagem do sentir**. 20. Ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MARQUES, Belisário. Educar para mudar. **Revista Vida e Saúde**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, n. 12, p. 48-49, dez. 2004.

PORTES, E. A. O trabalho escolar das famílias populares. Em NOGUEIRA, M.A; ROMANELLI, G. ZAGO, N. (Orgs). **Família e escola: Trajetória da escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 61 - 80.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Psicopedagogia e realidade escolar: O problema escolar e de aprendizagem**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SHINYASHIKI, Roberto. **Pais e Filhos: Companheiros de Viagem**. São Paulo: Gente, 1992.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Autêntica: Belo Horizonte, 2001. Síntese dos dois primeiros capítulos (O que é Letramento? E O que é Letramento e Alfabetização) do livro. Material elaborado pela Profa. Doutoranda Jaqueline Picetti e pela Profa. Dra. Annamaria Rangel.

TEZOLIN, Olganir Merçon. **Re-criando a educação:** um guia de auto-ajuda para pais e professores. São Paulo: Gente, 1995.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo:** como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. São Paulo: Gente, 1998.

TFOUNI, L.V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina:** construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 11. Ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VILLAS-BOAS, Maria Adelina. **Escola e família:** uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus, 2001.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflito:** parceria com os pais. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. Tânia. Com a palavra, o professor. **Revista Veja.** São Paulo: Abril, p. 108-113, 13 abr.2006.